

Faça já o check-in online. [Clique aqui](#)

LATAM AIRLINES

[HOME](#) [ARTIGOS](#) [CRÔNICAS](#) [ENTREVISTAS](#) [GERAL](#) [MEUS TEXTOS](#) [SOBRE ▾](#)



Murillo de Aragão
é cientista político

Blog do Noblat

POLÍTICA

A gaiola dourada da popularidade

05/01/2017 - 01h25



Houve quem criticasse Nizan Guanaes quando ele recomendou ao presidente Michel Temer aproveitar a sua impopularidade para adotar medidas duras, a fim de restabelecer o equilíbrio fiscal e promover a retomada do crescimento econômico. Eu estava a seu lado no Conselhão quando ele fez a recomendação.

Em síntese, ele dizia que o presidente deveria tratar de temas duros sem se preocupar em ser popular. A declaração foi longe e gerou debate, mas Nizan estava coberto de razão. O estado em que o Brasil se encontra demanda medidas que

dificilmente serão populares.

Ninguém acredita que uma Previdência Social tecnicamente quebrada possa ser reformada sem dor. Muitos sabem que os salários devem ser congelados e os benefícios cortados, conforme feito em Portugal. A questão da popularidade, porém, persegue os governantes assim como os autores de novela perseguem o Ibope.

O filósofo suíço Alain de Botton é de uma sinceridade devastadora ao explicar a obsessão em querer ser popular, buscar o elogio e o reconhecimento, querer agradar sempre. No Brasil rasteiro, há quem considere a popularidade a medida do sucesso, em especial quando se mistura espetáculo com política. Não importa como se consegue ser popular nem em que circunstâncias.

Muitos acham que o presidente deve ter a preocupação de agradar sempre por conta do ciclo eleitoral. Que deve tomar medidas duras de início e guardar os agrados para o último ano e meio do mandato, numa dinâmica que atende ao interesse eleitoral e não ao nacional.

A busca da popularidade extrapola o limite dos mandatos. É o caso da antecipação de aumentos salariais pelo governador que deixa o cargo para que sua decisão seja cumprida pelo governador que acabou de ser eleito. Uma espécie de bomba-relógio para as finanças públicas na ânsia de ser eleitoralmente popular.

Agradar deveria ser a última das preocupações de um presidente. E sua popularidade deveria decorrer de uma análise fria dos acontecimentos. Algo que jamais acontecerá, considerando a profundidade de nosso entendimento sobre o cotidiano. Afinal, vivemos em um país raso, onde quem explica também busca a popularidade.

Daí a espetacularização do noticiário. As manchetes são movidas pelo espetáculo. As fotos de capa mostram o detalhe do cabelo despenteado ou um leve roçar no nariz, de forma a forçar a vista para o inusitado. Popularidade a qualquer preço.

Reorrentemente, vemos celebridades e subcelebridades artísticas que, por conta de sua exposição, se acham no direito de dar opinião sobre o que não conhecem. Surfam nas ondas baixas do senso comum em busca de popularidade. Confirmam, usando o axioma “com certeza”, o que o senso comum espera ser confirmado em círculo vicioso de intensa mediocridade.

O francês Michel Houellebecq, mesmo sendo um dos mais respeitados escritores da atualidade, se diz escritor e não intelectual. E afirma que não deve dar opinião sobre tudo. No Brasil rasteiro, falta pudor às nossas celebridades e juízo aos comunicadores, que se encarregam de propagar as besteiras ditas em favor da popularidade. Assassina-se, diariamente, uma das maiores conquistas do século passado: a reflexividade.

Dilma Rousseff, a mais incompetente presidente de nossa história, foi, paradoxalmente, a presidente mais popular. No início de 2013, bateu recordes de popularidade e aprovação. Acabou melancolicamente descartada no lixão político de nossa República. É uma prova de que popularidade não é tudo e pode terminar mal, se não vier acompanhada de decisões políticas consistentes.

Mesmo sendo uma armadilha terrível, a busca pela popularidade é a tônica da nossa sociedade. Daí muitos não terem entendido quando o grupo Los Hermanos desprezou a sua mais popular canção, “Ana Júlia”. Eles queriam ir além da popularidade pop que a canção lhes trouxe. Se não fizessem isso, teriam se transformado, certamente, em uma espécie de “one hit wonder” nacional, como o Sylvinho, do “Ursinho Blau-Blau”.

Na explicação do fenômeno político, as armadilhas são cotidianas. Seguir o “bom senso” ou o “senso comum” pode ser o caminho para a popularidade. Mas não o caminho para o sucesso do analista. Usar a indignação como ponto de ênfase para as explicações também é outro atalho para a popularidade. Mas leva para longe a verdade dos fatos. Na política, a indignação pode justificar, mas não explica.

O mais grave não é apenas o desejo doentio do reconhecimento. É o fato de que a verdade deixou de fazer sentido. São tempos de pós-verdade. Era de factoides. Fatos que parecem mas não são verdades, assim como os julgamentos indignados sobre o porquê das coisas.

Quando Nizan, mago da publicidade e celebridade internacional, recomendou que o presidente aproveitasse as vantagens da impopularidade, machucou um dos objetivos mais caros da vida de milhões: ser popular. Para a imensa maioria, a sugestão de Nizan é algo absolutamente incompreensível. Neste momento, se formos medir o governo pela popularidade, certamente estaremos aprofundando a vala comum de nosso fracasso coletivo.


PUBLICIDADE


Worley
Coeur D'Alene
Casino Resort
Hotel

From

R\$275,85

Book now



Washington
Intercontinental
The Willard
Washington D.C.

From

R\$730,69

Book now



Coeur
d'Alene
Shilo Inn Suites
Hotel

From

R\$216,16

Book now

ÚLTIMAS DE BRASIL



BRASIL

Bancada mineira indica outro dirigente do PMDB Jovem para Secretaria da Juventude



BRASIL

Pastor Valdemiro Santiago recebe alta após ser esfaqueado durante culto em SP



BRASIL

A dor de enterrar um familiar morto no massacre



6
comentários

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os [termos de uso](#), denuncie. Leia as [perguntas mais frequentes](#) para saber o que é impróprio ou ilegal.

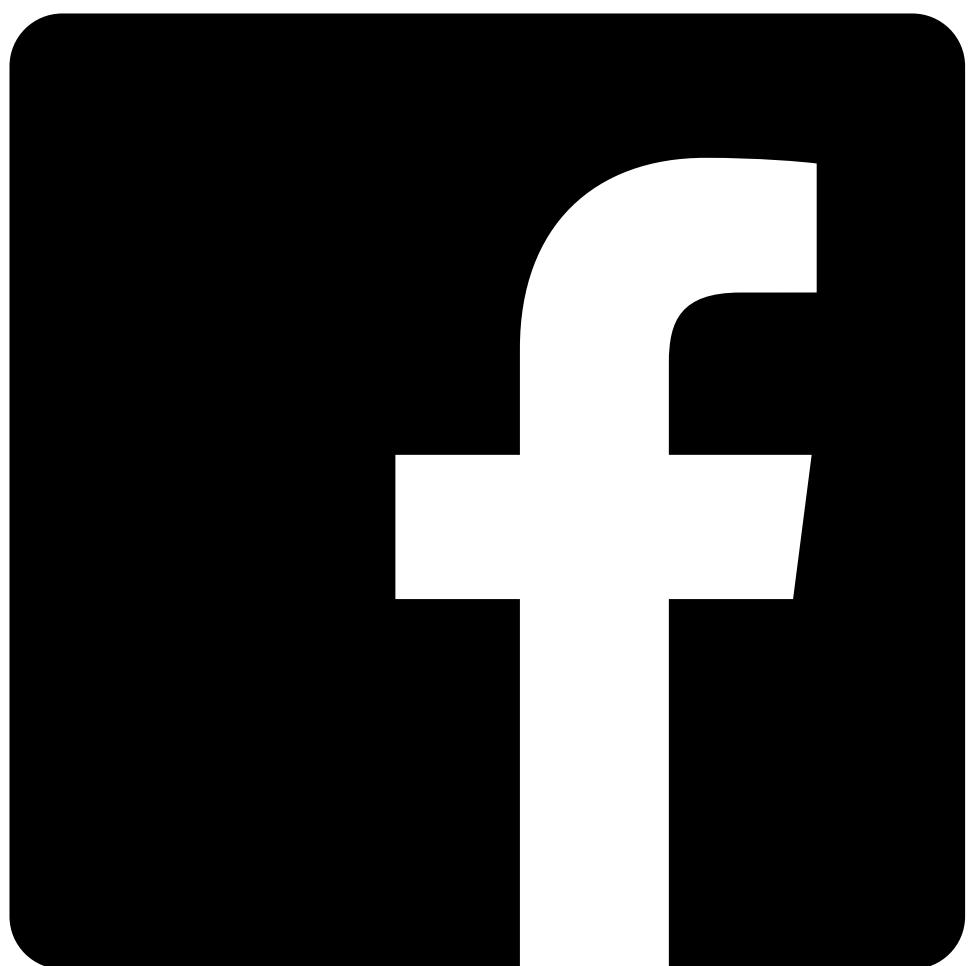
Este conteúdo não recebe mais comentários.

• Sergio Ricardo

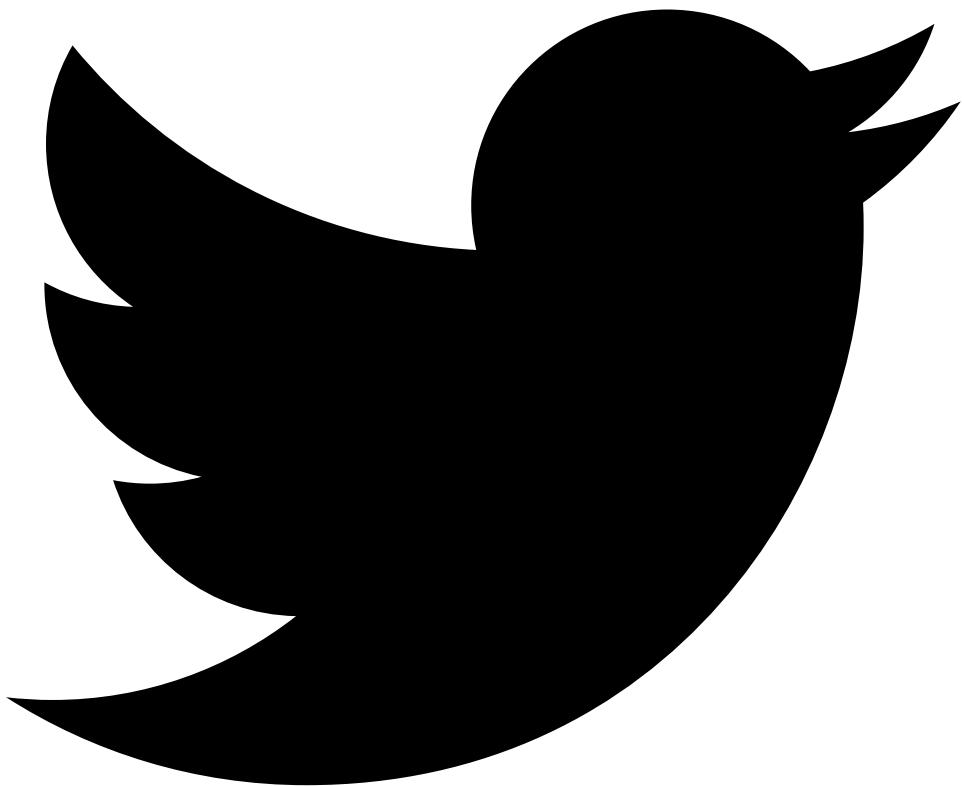
[denunciar](#)

há 4 dias

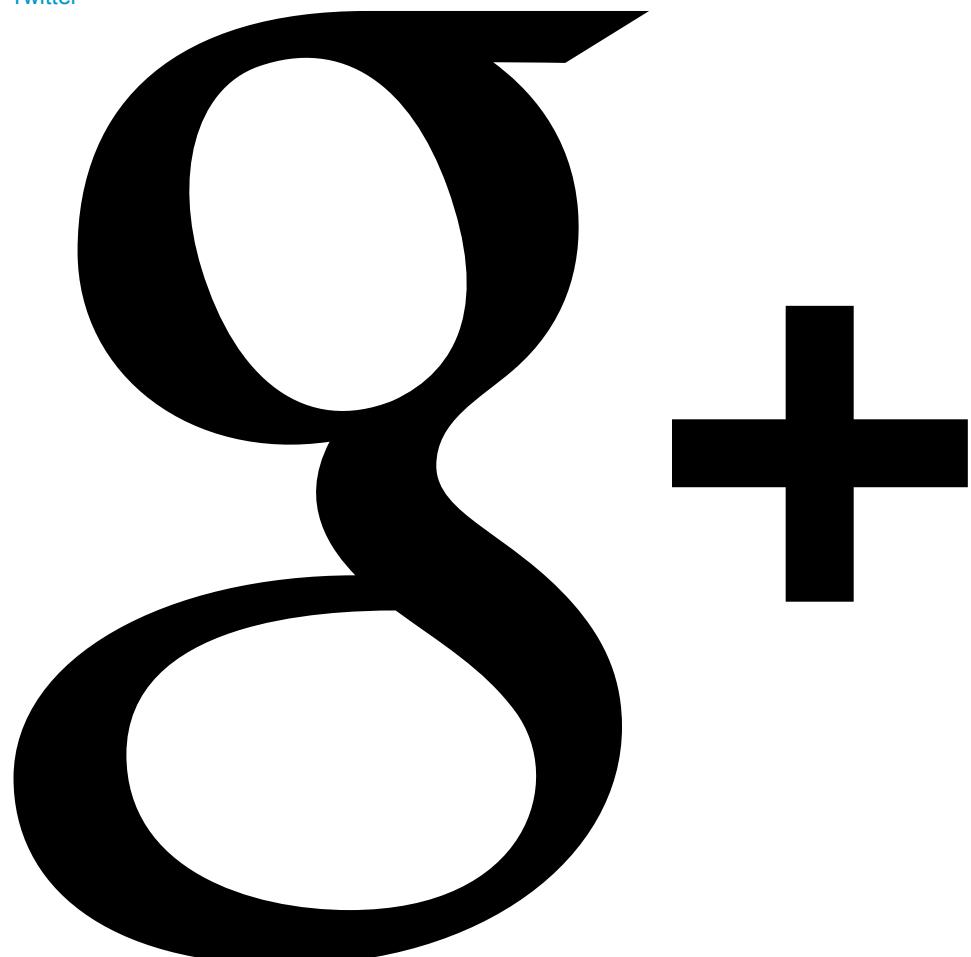
Ninguém fala, não sei se por falta de coragem ou de conhecimento, na origem das crises. Todos sabemos que o Brasil é um país pobre e que os governos populistas que o povo elege joga o país ainda mais para baixo. Tratar das consequências desses populistas incompetentes e inconsequentes não resolve o problema, apenas cria um ciclo de maldades para quem sempre paga a conta. Daqui a pouco teremos que trabalhar 149 anos para nos aposentar.



[Facebook](#)



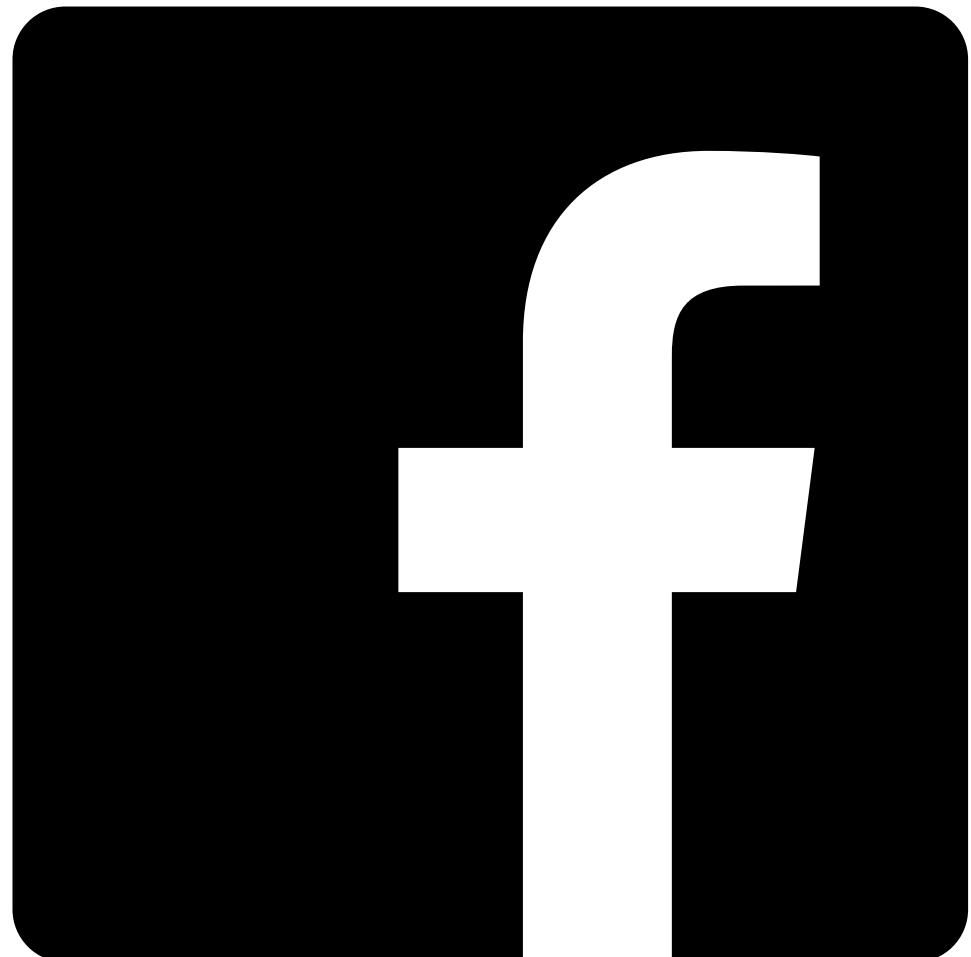
Twitter



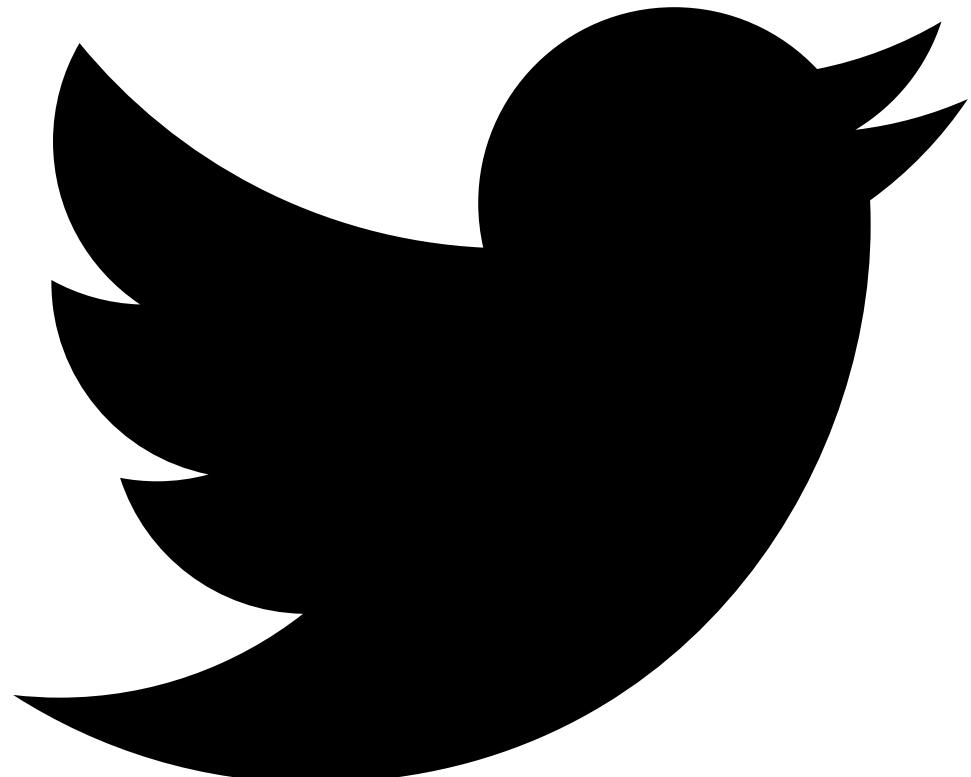
Google+

• **José Costa**
denunciar

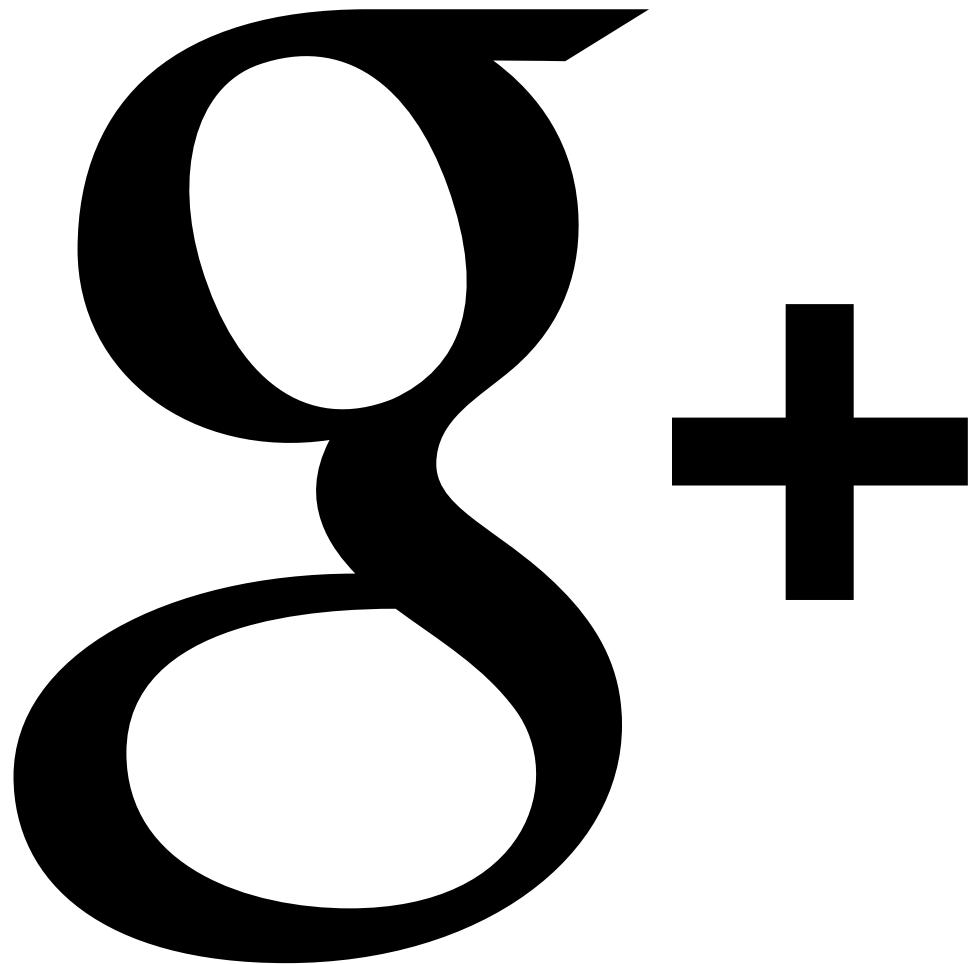
Excelente o artigo do Murillo de Aragão. Pena que, de fato, refletiu nossa triste realidade.



Facebook



Twitter



[Google+](#)

• **Silas Ferreira**

[denunciar](#) 0

há 4 dias

Mais que excelente artigo. Muita opinião rasa e de segundas intenções e pouca reflexão profunda e honesta. Vejamos também as musicas mais populares atualmente: o tal 'sertanejo', que é de uma pobreza musical chocante.

• **Maria Pacheco**

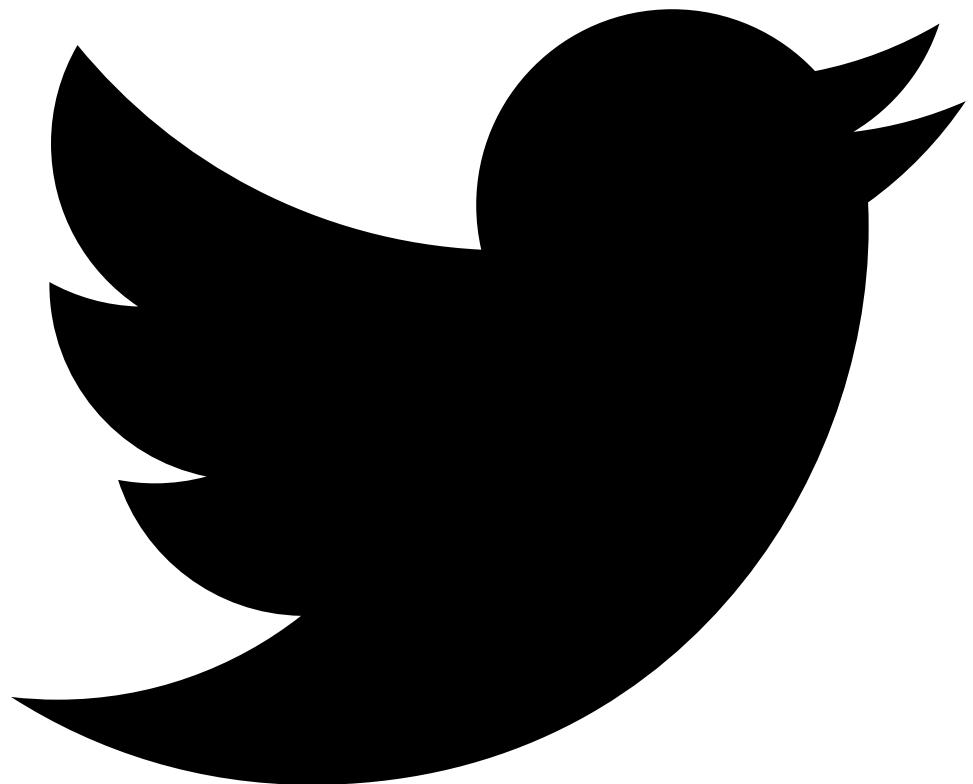
[denunciar](#) 0

há 4 dias

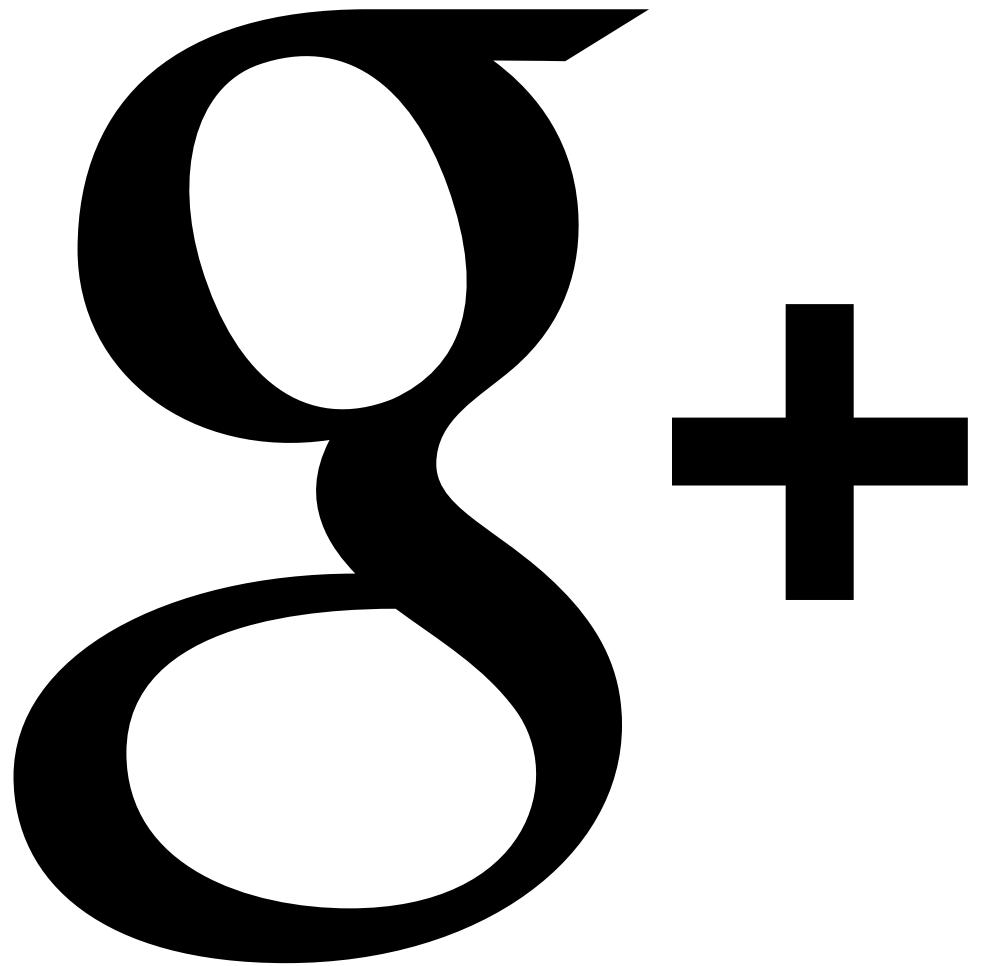
Com um pouco mais de dureza, a busca incansável pela popularidade escamoteia nada mais nada menos que a estupidez humana. Ou pior, a covardia.



Facebook



Twitter

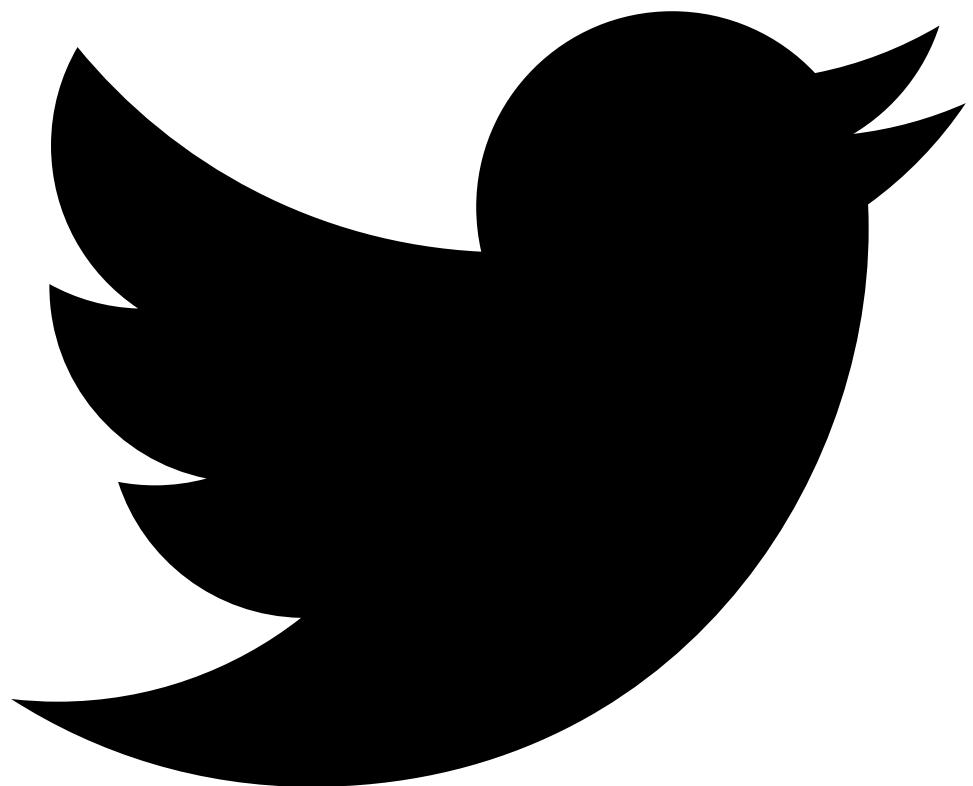


[Google+](#)

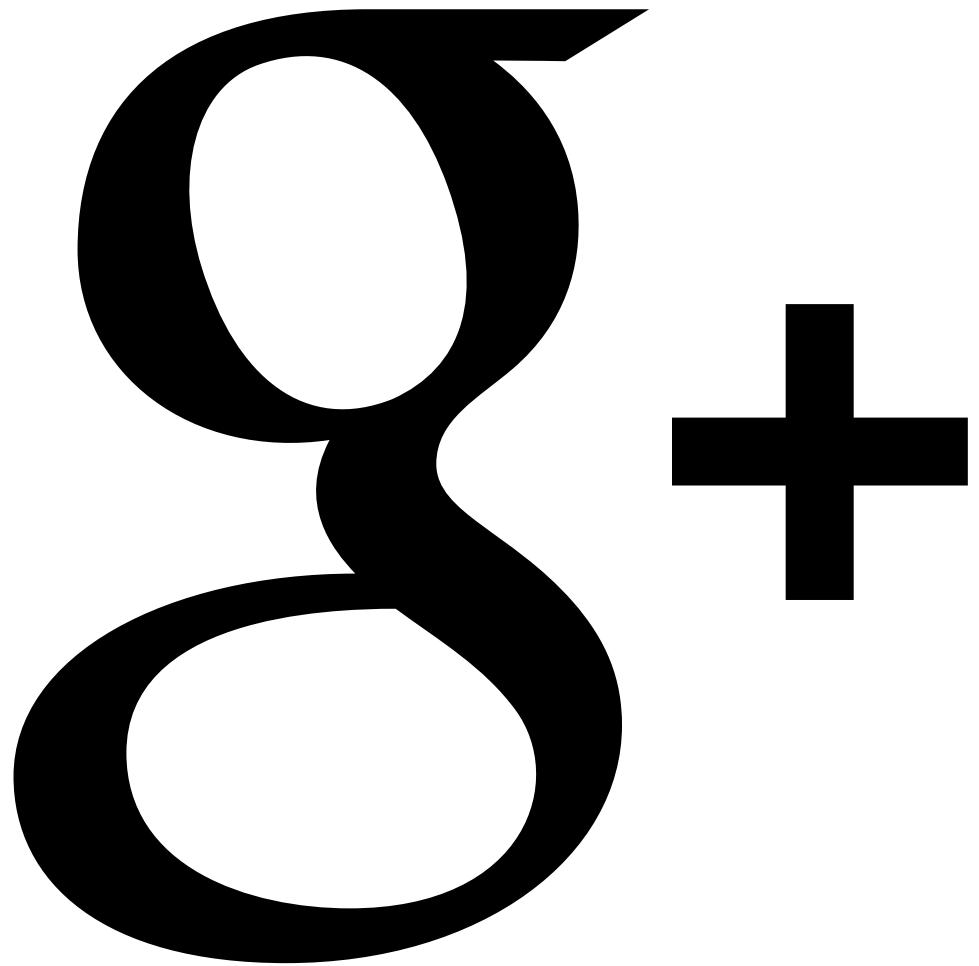
- **José Menezes**
[denunciar](#) 
há 4 dias
- Excelente artigo. Concordo plenamente com ele...



Facebook



Twitter



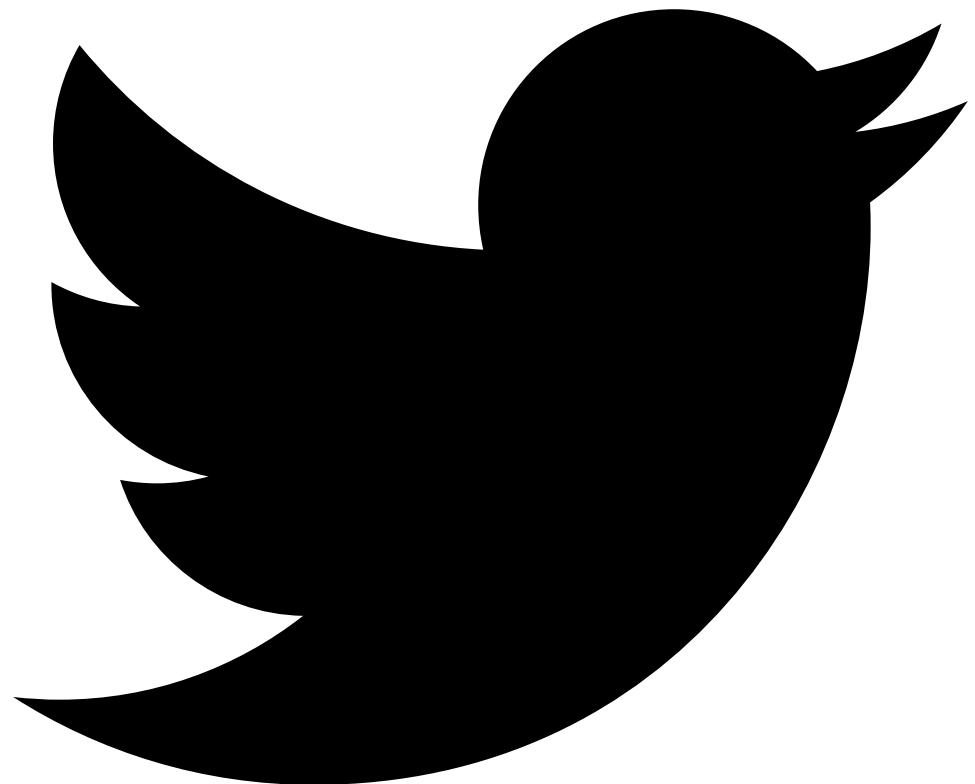
[Google+](#)

- **Elementar**
[denunciar](#) 
há 4 dias

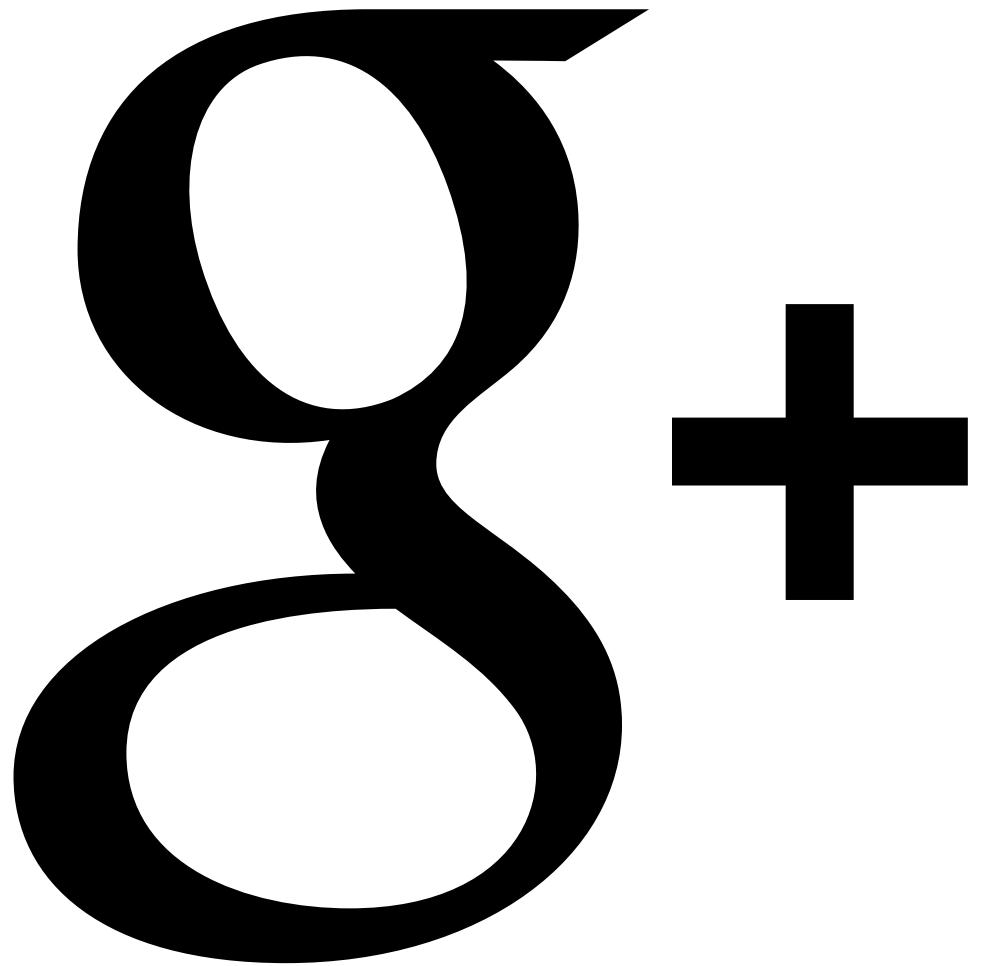
Há algo de inteligente para se ler em O Globo. Uma pena que não existem aquelas mãozinhas para aplausos neste espaço. Mas fica a singela palavra: parabéns!



Facebook



Twitter



Shopping

vigilantesdopeso